



Intercomunicação entre a organização da informação e do conhecimento, os estudos sobre memória e a produção de obras artísticas¹

Intercommunication among information and knowledge organization, memory studies and the production of artistic works

Wagner Oliveira de Medeiros *

Fabio Assis Pinho **

RESUMO

Trata-se da interlocução entre os sentidos que circundam a relação de comunicação entre a organização da informação e do conhecimento, os estudos sobre a memória e a produção de obras de arte pelo meio social. Apresenta, por meio de uma revisão de literatura, os enlaces que permeiam a materialidade dos registros do conhecimento e a sua característica como documento memorialístico construído com base nas impressões pessoais e coletivas do indivíduo social, permitindo a compreensão de sob quais perspectivas a comunicação entre esses conceitos acontece, gerando campo de discussão e pesquisa. Conclui que as principais esferas de sentido que ligam ambas as áreas partem da possibilidade de desenvolvimento de mecanismos de tratamento da produção intelectual e artística, enquanto registros de informação, que são construídos com valor memorialístico intrínseco, possibilitando a compreensão do passado, presente e futuro, na formação de saberes e no desenvolvimento do conhecimento humano.

ABSTRACT

This paper discusses the interlocution of the meanings that surround the relationship of communication among the areas of Information and Knowledge Organization, as well as studies about memory and the production of artworks via a social environment. It discusses, through a literature review, the bonds spread in the materiality of the registers of knowledge. It also describes their role as a memory document constructed based upon the public and personal impressions of the social individuals that allow the comprehension of the perspectives on which the communication between those concepts happen, opening a field for discussion and research. All things considered, the main spheres of meaning that bound both areas come from the possibility of the development of treatment mechanisms for the intellectual and artistic production. While the registers of information, the ones that are built with intrinsic memory values, are responsible for making the comprehension of the past, present and future possible, as well as the production of new understandings

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes).

* Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Endereço: Avenida da Arquitetura, S/N, Cidade Universitária, CEP 50740-550 Recife, PE. Telefone: (81) 2126-8304. E-mail: medeiros.w.o@gmail.com.

** Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Endereço: Avenida da Arquitetura, S/N, Cidade Universitária, CEP 50740-550, Recife, PE. Telefone: (81) 2126-8304. E-mail: fabiopinho@ufpe.br.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Organização da Informação e do Conhecimento; Memória; Produção de Arte; Informação em Artes.

and the development of human knowledge.

Keywords: Information Science; Information and Knowledge Organization; Memory; Art Production; Information in Arts.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da ciência da informação (CI) e da compreensão do seu objeto de estudo, a informação, tem acontecido graças à multiplicidade de abordagens que têm sido desenvolvidas e que buscam entender a informação não apenas como um fenômeno, mas também como um fator de desenvolvimento social que permite o avanço do homem pelos estudos e pela formação de conhecimento. Desse modo, apenas organizar não é mais perspectiva que dirige os sentidos da área, pois o aprofundamento da compreensão das fontes de informação, das representações documentárias e de uma organização conceitual que ultrapassa os limites físicos do materialismo, tem revolucionado a forma como o homem compreende e assimila o mundo.

Tratar a informação, dentro da perspectiva da CI, ganhou horizontes investigativos que se consolidaram como áreas de estudo e de desenvolvimento metodológico das práticas ligadas ao suporte físico e às esferas cognitivas de organização do conhecimento, como a área de organização da informação e do conhecimento, que se firmou e tem amplo espaço de destaque no que diz respeito às perspectivas de investigar os processos e instrumentos de tratamento e representação da informação nos mais diversos suportes.

Da mesma forma, emergem os estudos de memória dentro da área de CI, que validam os diversos suportes de informação como ambientes de tratamento que permitem a ligação do pesquisador (nos processos de tratamento) e da sociedade como um todo, com o uso dos registros documentários, às percepções de presente e passado sobre sua história e os fatos ou acontecimentos que circundam sua evolução e desenvolvimento, subsidiando, por meio da pesquisa e da investigação, o desenvolvimento do conhecimento humano.

Nota-se, contudo, que tais avanços da CI e da organização da informação e do conhecimento, bem como dos estudos de memória, acabam por gerar necessidades discursivas que permitem a efetivação das práticas em situações pouco comuns de manuseio e tratamento da informação, como por exemplo, em suportes não convencionais de informação. Dentre estes, podemos destacar as obras de arte, oriundas do meio social, que, por sua vez, são produtos sociais carregados informacionalmente, inclusive de concepções memorialísticas que percorrem seus conceitos, suas construções e seu uso como expressão humana na formação de conhecimentos. Nesse aspecto, a indagação de pesquisa que aqui se postula é: quais as interlocuções comuns possíveis entre a organização da informação e do conhecimento, os estudos sobre memória e a produção de obras de arte?

Mediante a necessidade de trabalhos que expressem as interlocuções entre essas áreas na literatura, objetiva-se neste relato de pesquisa contribuir, por meio do registro bibliográfico, com subsídios que deem embasamento teórico à associação dessas áreas em discussões comuns, proporcionando a compreensão de interdisciplinaridade da CI, bem como abrindo novos vieses de discussão que gerem

bases mais sólidas de investigação entre a produção de arte e os estudos de memória pelas nuances de tratamento da informação nas áreas de CI e organização da informação e do conhecimento.

Para atingir esse objetivo, partiu-se de uma pesquisa bibliográfica e exploratória na qual são apresentadas sob quais perspectivas tais áreas se relacionam, por meio da associação de sentidos entre elas, expressando assim a dinâmica que circunda o diálogo possível entre as mesmas na construção de investigações sobre a obra de arte enquanto produto social, suas representações memorialísticas e sua passividade de tratamento informacional. Este percurso metodológico, revisão de literatura, é corroborado por Minayo (2000), uma vez que esse tipo de análise teórica trabalha com um universo de significados, valores e crenças e suas relações com o fenômeno ou objeto.

MEMÓRIA, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO

Em uma primeira instância, antes de se definir o ponto de conexão entre a memória e a ciência da informação (CI), evocamos uma definição de memória, sem a tentativa de esgotar essa apresentação, que nos subsidia a compreensão de seu sentido maior e que, a partir de tal, podemos esboçar sob quais esferas a área de CI traz suas percepções sobre ela. Essa definição é posta por Le Goff (1990, p. 419), assinalando a memória como a “[...] propriedade de conservar certas informações [que], remetem-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

A definição de memória assinalada por Le Goff (1990) tem em si uma característica biológica, aferindo às qualidades do ser humano de manter “vivas” em si as impressões do mundo à qual pertencem. No entanto, tal definição pode ser relacionada também a um grau de conscientização e apropriação do ser humano a essa capacidade psíquica de desenvolvimento de tecnologias e à compreensão de usabilidade da memória em função da formação de novas percepções.

Uma distinção importante a ser feita, parte dessa perspectiva biológica posta na definição de memória de Le Goff (1990), que é a diferenciação entre dois tipos de memória comumente discutidos pelos autores da área, a memória individual e a memória coletiva. Levantamos essa diferenciação, uma vez que a memória individual tem, segundo Murguia (2010), uma qualidade sensorial e emotiva dos indivíduos, alimentando-se, contudo, das generalidades que partem da coletividade. A memória coletiva segundo o autor seria um elemento que constrói a identidade de grupos, coletividades e a sociedade de modo geral, servindo também de referência à memória individual.

Podemos traçar como base diferenciadora entre memória individual e coletiva, a forma como a memória age no indivíduo e no grupo. Individualmente, como afirma Murguia (2010), a lembrança se define pela forma com a qual o indivíduo codifica a informação no momento em que mantém contato com um objeto, já em grupo – a relevância da memória consiste na maneira com a qual a informação alcança o coletivo. É importante, todavia, ter esclarecido que assim como o conceito de memória, de uma forma geral, pode variar mediante a área ou o pesquisador que o construa, assim também se dá o conceito de memória individual, relacionado, por muitos, à memória social, e também o conceito de memória coletiva (GONDAR,

2008). Contudo, objetiva-se a partir dessa discussão, apontar pontos de intersecção entre os sentidos de memória e a própria CI, para em seguida esclarecer também como estas podem estar ligadas à produção de arte no meio social.

Observamos que a compreensão desses tipos de memória é importante, ao passo que é pela percepção que o indivíduo carrega sobre si e, alicerçada pelo coletivo ao qual ele está emerso, que lhe atribuem condições de se representar existencialmente e de identificar, no tempo e na história, os valores dessa representatividade, bem como a maneira pela qual as sociedades são afetadas pela percepção das impressões, assim como pelo uso dessas percepções na construção de discursos e formas de desenvolver-se, social, tecnológica e cientificamente.

Desse modo, com base na definição de memória de Le Goff (1990), podemos extrair um ponto-chave de relação entre a definição e a apropriação dos estudos em CI sobre a memória, como sendo a “propriedade de conservar informações” e, a busca do homem pela atualização de impressões. Este ponto reflete, neste sentido, o uso de tecnologias e percepções teóricas desenvolvidas ao longo do tempo, o que nos remete diretamente aos processos de tratamento da informação, pertinentes à CI, relativos à organização da informação e do conhecimento. Esses processos, de uma maneira geral, se propõem à investigação das informações registradas – que podem nesse caso pertencer também a um período histórico passado –, de modo a tratá-las e torná-las úteis e acessíveis para a formação do conhecimento e do desenvolvimento social.

A partir dessa compreensão, começa-se a relacionar a produção de registros do conhecimento e a preocupação com a sua organização, bem como sua preservação e conservação, pelo qual se desencadeou o surgimento da CI e, conseqüentemente, as áreas de estudo sobre organização da informação e do conhecimento. Nesse sentido, já podemos, então, visualizar que não só a produção intelectual em registros bibliográficos, mas também as obras de arte e outras manifestações de representação, podem, também, possuir traços de memória individual, coletiva ou de ambas: individual à medida que o autor da obra (representação) imprime nela suas lembranças e crenças; e coletiva, por sua vez, à medida que essas lembranças são comungadas por outras pessoas.

Compreende-se que a CI direciona suas pesquisas às múltiplas formas de produção e apresentação da informação no meio social, o que se evidencia por meio da sua interdisciplinaridade, característica que permite à CI a comunicação com outras áreas do conhecimento, na troca de teorias e metodologias que permitam o crescimento de seu escopo. Essa área se direciona, também, a compreender os aspectos referentes à memória no que se propõe a analisar, mediante os seus processos de representação da informação e do conhecimento, que permeiam desde a conjuntura física ao conteúdo do registro de informação, os modos pelos quais o tratamento informacional pode garantir a preservação e o acesso, bem como construir inferências de formação do conhecimento ao meio social.

Oliveira e Rodrigues (2009, p. 218) corroboram essa posição, que afere a interdisciplinaridade da CI a possibilidade de abordagem da memória, enfatizando, contudo que esta pode ser compreendida sobre diversas concepções, “conforme o contexto no qual ocorrem os processos informacionais, os problemas a resolver ou a abordagem que se pretende utilizar para solucioná-los”. Ressaltamos, dessa forma, que a base da concepção de memória se apresenta na CI desde o surgimento da área com preocupação relacionada aos registros do conhecimento (AZEVEDO NETTO, 2007) cerceada pela intenção de possibilitar o acesso, e numa esfera mais

contemporânea, otimizar o uso e o desenvolvimento intelectual pela organização de registros, bem como sistematização lógica de esferas conceituais, na formação do conhecimento.

Podemos evidenciar o valor dos estudos memorialísticos no âmbito da CI e da organização da informação e do conhecimento, justo pelo fato de as informações se apresentarem, em registros diversos, como evidências da memória, sendo por sua vez recurso documental que embasa estudos diversos sobre o passado, o presente e as relações de transformações nas estruturas sociais humanas.

Conforme coloca Azevedo Netto (2007), os estudos sobre a memória e sobre informação, bem como a relação entre estes dois, possuem como nexos comuns a *representação*. Neste caso, o autor evidencia a posição de Le Goff (2003), ao tratar que a memória está representada em diversos suportes informacionais distintos, evidenciando que a memória coletiva viabiliza-se por meio da transferência de informações oriundas dos processos sociais. Em relação a estes processos, o autor menciona o uso dos artefatos e documentos como instrumentos de representação das questões sociais diversas.

Pela perspectiva de Azevedo Netto (2007), uma possibilidade de perceber a informação registrada nos artefatos – compreendendo essas informações como a memória social representada no objeto – é a informação relacional, a qual emerge de concepções específicas de variações de espaço e tempo, que podem ser percebidas na forma pela qual os signos se distribuem e se organizam na formação de sentido do registro.

Levantamos também a posição de Ribeiro (2010) em diálogo com Azevedo Netto (2007) e Le Goff (1990), em que o autor, ao mencionar os objetos como suportes de memória, indica que a interrogação dos objetos visíveis e invisíveis é uma procura que, na atualidade, qualifica a intermediação técnica dos sujeitos com o mundo, em que a memória se efetiva na materialidade do registro e na área de CI – referindo-se à CI como uma área maior que discute o objeto informacional de uma maneira mais abrangente –, nos meios técnicos de conservação e respeito aos vestígios que possibilitam uma rememoração dos diversos suportes possíveis de tratamento (RIBEIRO, 2010), também pela representação documental de conteúdos.

Ainda nessa perspectiva, Azevedo Netto (2007) vem evidenciar a relação entre os estudos sobre a informação e os estudos sobre a memória, pela existência de uma multiplicidade de suportes em que a informação pode ser salientada, principalmente, “no seu processo de representação através da cultura material, expressos como nos documentos e monumentos” (AZEVEDO NETTO, 2007, p. 15).

A partir da multiplicidade de suportes posta por Azevedo Netto (2007), podemos notar pela posição de Monteiro, Carelli e Pickler (2008), que a ênfase dada à memória na CI tem, especialmente, um sentido de preservação, oriundo da preocupação que percorre o trajeto histórico da área, de organizar e sistematizar os meios de representação que possibilitem a busca e recuperação da informação registrada nos mais diversos suportes. Estes, por sua vez, constituem-se de documentos que retratam o conhecimento humano em suas variadas formas, e são produzidos socialmente das mais diversas maneiras. Como exemplo disso, temos os relatos que justificam a origem das práticas de CI, visto o seu esforço para responder aos problemas de organização, crescimento desenfreado da produção de informação e disseminação desta no período de revolução técnica e científica após a Segunda Guerra Mundial, conforme é tratado também por Oliveira (2005).

Percebe-se que a preocupação com o suporte da informação acompanha a área de CI desde a sua origem, como se evidencia na posição de Pinheiro (2005). Esta área tem uma raiz dupla, atenta em uma parte à bibliografia e documentação – conhecimento registrado –, e em outra parte à questão da recuperação da informação – o que nos traz a ideia de busca de um conteúdo informativo registrado. No que tange à primeira raiz, vemos uma preocupação com a memória intelectual da civilização, e na segunda, o apoio tecnológico no processamento e manutenção dessa memória social já registrada e manuseada pelo homem (PINHEIRO, 2005).

A ideia de formação e conservação de uma memória do conhecimento pode ser exemplificada pelas ações de Paul Otlet e Vannevar Bush, apontadas por Oliveira e Rodrigues (2009). Paul Otlet apontou a conservação como um dos objetivos da documentação, levantando, desse modo, a ideia de preservação dos registros da informação, ao perpassar o conteúdo da obra em seu *Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*, de 1934.

Já Vannevar Bush, no período posterior à Segunda Grande Guerra, levantou reflexões que, assim como as de Paul Otlet, preocupavam-se com a organização e recuperação da informação, desenvolvendo também o Memex, recurso de memória auxiliar à memória humana, tendo como intuito aprimorar os processos de recuperação da informação e da produção do conhecimento (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009).

Nasce, daí, a relação posta entre a preservação dos suportes de informação à memória, que desencadeia a titulação das unidades de informação como lugares de memória, visto seu objetivo de preservação e disseminação do conhecimento produzido e registrado. Nesses espaços, a preservação emerge como subárea da CI, estando diretamente ligada também à organização e representação da informação e do conhecimento, tornando-se uma das preocupações eminentes ao seu desenvolver das práticas do profissional da informação. Como realçam Monteiro, Carelli e Pickler (2008, p. 12), “as bibliotecas, os arquivos e os museus constituem a memória de um povo. E a própria noção de memória consiste em uma analogia da memória humana, responsável por reter informações na mente e recuperá-las quando necessário” – neste caso, de forma similar aos serviços prestados pelas bibliotecas no que se refere à guarda dos registros e na recuperação da informação possível através deles.

Sendo área de investigação e reflexão de aspectos sociais e históricos através do tempo, a memória pode se apropriar de inúmeras direções como foco observacional desses aspectos, assumindo, segundo o seu constructo dinâmico de significações, uma gama de especificidades. Por sua vez, estas as direcionam a observações diferentes sobre os documentos e os fatos contidos nestes – que vêm contribuir com as observações informacionais já desenvolvidas na CI. Sendo assim, as análises de informações memorialísticas podem ser efetuadas sob o foco de fontes diversas, não somente de documentos impressos, mas também de objetos e registros de outros caracteres, como afirma Sampaio (2014, p. 108): “os objetos devem ser vistos como documentos que retratam a história, resultado do esforço das sociedades históricas”.

É fato que os documentos diversos constituem-se importantes fontes de informação, por vezes assumindo um papel de documento memorialístico por conter informações que contribuam para a compreensão da história. Entretanto, faz-se necessário analisar os documentos não somente como materiais de inscrição de informações diversas, mas preocupar-se também com os precedentes e com a intencionalidade com a qual um respectivo documento possa ter sido produzido (THIESEN, 2013), pois, esta intencionalidade pode descaracterizá-lo diante dos objetivos traçados para sua análise e uso, evidenciando, mais uma vez, a perspectiva de memória individual de Le

Goff (1990), que permite essa assimilação de mundo de maneira individual do ser humano.

Segundo Thiesen (2013), temos no documento um elemento substantivo na organização da base social, que se constrói como uma expressão de verdade e da lei historicamente. Ainda segundo a autora, o uso dos documentos, atingido pela reprodução nos grupos sociais, gera e alimenta a memória coletiva e produz, assim, a identidade. Esta percepção da autora pode ser relacionada com a posição de Halbwachs (1990), por compreender, segundo as perspectivas deste último, que as condições espaciais – do espaço social – são influentes na formação da memória coletiva, na qual as ações que se realizam no grupo são traduzidas em termos espaciais, e o lugar ocupado pelo grupo é a união de todos esses termos, inteligíveis entre os seus membros. Assim, os documentos representativos da realidade social, que, nesse contexto, representam também contextos informativos das condições espaciais, são representações da memória coletiva passíveis de tratamento pela CI.

Tornando a evidenciar os debates da CI e da organização da informação e do conhecimento em relação à memória, e vislumbrando a percepção de interpretação dos objetos como documentos memorialísticos de Sampaio (2014), abre-se caminho para demonstrar que a observação dos documentos memorialísticos como fonte potencial de estudo e tratamento pela CI ergue-se, principalmente, pela percepção de Oliveira e Rodrigues (2009, p. 219) sobre uma possível definição de memória, em que podemos compreendê-la como uma “capacidade de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes registros (sonoros, imagéticos, textuais etc.), graças a um conjunto de funções psíquicas”. Essa compreensão nos permite fazer uma analogia à apropriação da CI ao conceito de memória, no que diz respeito à retenção de lembranças para posterior reconstrução e disseminação com base no tratamento informacional dos documentos produzidos no meio social.

Reportando-nos à posição de Thiesen (2013), afirmamos o tratamento informacional dos documentos enquanto prática pertinente aos profissionais de informação pela significação de uma dinâmica em que o conhecimento é produzido, a memória é ressignificada em processos realimentados por novas informações. Nesse caso, a informação “[...] é registrada e integrada a sistemas que a organizam de maneira que possa ser recuperada para apropriação e uso. Tais sistemas podem ser arquivos, bibliotecas, museus, bancos de dados, portais, repositórios [...]” (THIESEN, 2013, p. 4).

Esses sistemas, já mencionados, são também compreendidos na área de CI como lugares de memória, justamente por abrigarem dentro de suas atividades e do seu compromisso social, não somente objetos diversos – documentos de memória –, mas por realizarem as atividades necessárias para preservação e conservação da memória registrada materialmente, promovendo o acesso à sociedade e formando assim novos caminhos de produção do conhecimento.

O universo investigativo da se reporta, especialmente, a uma perspectiva de memória que valoriza as produções materiais, como os artefatos diversos, bem como lugares, monumentos e afins, e imateriais, como as crenças e as manifestações culturais, religiosas e afins, numa ação de constante renovação do saber e de produção de conhecimento, intervindo na forma de se compreender o tempo.

É importante, ainda, especificar que a CI trata a materialidade, na perspectiva posta, mas não se objetiva apenas a investigar aspectos físicos do material, pois evidencia pela representação o conteúdo que compõe esses objetos materiais. As

interloquções entre memória e CI, e assim entre a organização e representação da informação e do conhecimento também, permitem, por sua vez, que essa segunda área possa desenvolver aportes que estabeleçam sentido e direções de estudo referentes ao seu objeto de estudo.

Em relação às interloquções postas entre CI e memória, podemos constatar na literatura inúmeras produções que se atentam a estabelecer as relações conceituais e práticas de ambos os campos. Cabe-nos dar destaque, assim, a autores como Dodebei (1997; 2000; 2001; 2010; 2016a; 2016b;), por exemplo, que têm uma ampla produção que investiga desde há muito tempo essas relações, discutindo os conceitos de memória, especialmente de memória social, bem como as contribuições dos diálogos teórico-conceituais nas questões contemporâneas de organização, e discutindo também o objeto de memória, e os sentidos que o documento admite na CI.

Uma vez que essas relações entre CI, numa abordagem direta sobre a organização da informação e do conhecimento, e a memória se estabelecem, encontramos o elo principal para interlocação de ambos os campos à produção de obras de arte, uma vez que esta é inerente às estruturas sociais de desenvolvimento e formação de conhecimento humano, que se discute no tópico seguinte.

OBRAS DE ARTE E A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS INVESTIGATIVOS SOBRE A MEMÓRIA

Como já foi apresentado, pode-se compreender que, enquanto produto informativo e memorialístico, as obras de arte possuem representações do social na forma de produção das obras, pela sua mensagem informativa ou pela forma como a sua apresentação agrega valores comunicativos socialmente. Evidencia-se que a importância dessa discussão se dá por compreender que a representação do social é, como já discutido anteriormente, uma interlocação entre as experiências pessoais e coletivas dos indivíduos, o que suscita também a memória, e que embasam e clarificam a compreensão da relação entre memória e arte.

Uma vez tendo a informação como objeto de estudo da CI e sabendo que as pesquisas da área preocupam-se em analisá-la por diversas instâncias e vieses, que a percebem com definições distintas, como os próprios estudos da organização da informação e do conhecimento, trazemos a materialidade da informação – registros informativos – como uma das formas de apresentação da informação no meio social. A materialização da informação na sociedade atravessa as fronteiras que a interpretam como sendo unicamente o registro escrito do conhecimento, incorporando a inscrição de informações na materialização de objetos e manifestações sociais imateriais, como as expressões artísticas, culturais e religiosas (MEDEIROS; PINHO, 2016) – que vão desde a obra física aos rituais e tradições culturais, religiosas e artísticas.

A representação do social nos objetos artísticos vem nos direcionar a reflexão do poder que a informação pode assumir de intervir na sociedade na construção de pensamentos e costumes, bem como na permissão de uma comunicação que gere o entendimento entre os diversos meios sociais, mediante as suas realidades. Assim, a informação pode contribuir na transformação do meio social pela sua capacidade de ligar os homens entre si e entre as coisas de forma inteligente. Este poder que atribuímos à informação fica evidente na contemporaneidade pelo que chamamos de

sociedade da informação, uma sociedade na qual a informação é a chave para o desenvolvimento e a conquista de poderes (MEDEIROS; PINHO, 2016).

É pela evidência de uma sociedade qualificada pela informação e pela usabilidade desta pelo ser humano, em função de seus objetivos de desenvolvimento, que nos colocamos diante das atividades realizadas para a sua produção, tratamento, guarda e uso, propondo-nos a refletir também sob quais perspectivas essa informação emerge socialmente e sob quais ela se relaciona com os indivíduos, de modo a proporcionar um fluxo contínuo e que movimenta essa característica de uma sociedade “da informação”.

Compreendemos que a informação caracteriza-se como um produto oriundo das sociedades, que se constrói pelas suas formas de estabelecer relações entre si e entre o mundo. Suscitamos a posição de Silva (2006), que nos apresenta dois vieses que podem caracterizar as formas pelas quais a informação se origina socialmente. A estes dois vieses, acrescentamos as relações com a produção e uso das obras de arte no meio social, identificando assim, o uso da informação, especialmente, no meio artístico.

O primeiro viés apresentado por Silva (2006) direciona o surgimento da informação nas sociedades como um fenômeno humano e social, em que se destaca a possibilidade da ação de informar pela viabilidade de estruturação das ideias e emoções que subsidiarão as relações e a comunicação entre os seres sociais.

Em se tratando das obras de arte, podemos, mediante este primeiro viés, perceber que elas se constroem, enquanto produtos da atividade humana, em grande parte das vezes com o uso de elementos que resulta em uma capacidade informativa e comunicativa, uma vez que estabelecem entre a obra e o espectador uma troca de mensagens que oportunizam a formação de novas reflexões e concepções do conteúdo da obra (MEDEIROS; PINHO, 2016).

O segundo viés colocado por Silva (2006, p. 150) apresenta a informação como um objeto científico, que seria um “conjunto estruturado de representações mentais emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interação social”. Entendemos, neste caso, que essa codificação das representações mentais pode estar diretamente associada à produção de registros de informação, enquadrando, portanto, as fontes de informação em geral, inclusive as caracterizadas pelas informações de memória.

Podemos, por mais uma vez, estabelecer uma relação com a produção e o uso do objeto de arte, sendo neste segundo viés, posto à medida que nos remete o objeto artístico à qualidade de documento informativo, produzido e modelado por seres pertencentes ao social, que se configuram também como codificações das representações mentais, numa sistematização de ideias e conceitos, na representação que enseja o social em um registro sensível do ponto de vista artístico.

Essa reflexão sobre os objetos artísticos e seu valor informativo suscita-nos novamente à abordagem sobre os documentos memorialísticos tratados por Sampaio (2014), em que a autora incorpora aos objetos o valor documental, justamente pela representatividade do social que subsidia a investigação da memória.

Segundo Pinto e Fidelis (2012), a informação é a concretização das ideias e emoções através da codificação pelo uso de signos e símbolos significantes que, por sua vez, estão ancorados nas percepções, normas e regras orientadoras dos grupos sociais. Medeiros e Pinho (2016) vêm ressaltar que essa informação produzida socialmente permeia – dentro da CI – as relações entre a informação propriamente dita e o sujeito

social, que vão da produção ao uso, como no caso das obras de arte, com o uso da informação na construção de um pensar crítico ou mesmo na apropriação que o ser humano faz da informação contida na obra de arte em investigações de cunho científico, como da presente pesquisa, e na apropriação destes objetos no estudo memorialístico, como posto anteriormente.

No que se refere a essa relação de produção e uso da informação oriunda dos objetos artísticos, além de estabelecer uma representatividade do social, sublinhamos a relevância desses objetos como documentos que, assim como apresenta Karamuftuoglu (2006), erguem-se de uma linguagem que relaciona os sentidos. A relação de sentidos colocada por esse autor estabelece seu significado no tratar da obra de arte enquanto blocos de sensações, percepções e afetos que circundam determinado conhecimento, produzidos criativamente, oportunizando novas dimensões de sentidos e compreensões.

São essas relações de sentido colocadas por Karamuftuoglu (2006) que nos permitem dar significado à representação do social presente nos objetos de arte. Ao tratarmos, como exemplo, das obras artístico-pictóricas, podemos vislumbrar que são os sentidos, ou parte deles, a porta de entrada que nos proporciona o afeiçoamento necessário à visualização da narrativa pintada e a interpretação desta mediante nossas próprias bases críticas e de conhecimento prévio do conteúdo representado, o que novamente nos implica à percepção da memória individual e coletiva que, por sua vez, justificam a pessoalidade e a influência do meio ao qual fazemos parte, na forma como representamos e compreendemos o que é representado nos registros de informação, como no caso desse tipo de obra de arte.

Tomando por base a posição de Medeiros e Pinho (2016), compreendemos que arte informa através de mensagens que são percebidas pelos nossos sentidos, percepção esta que configura a possibilidade de interpretação do conteúdo pela comunicação gerada pelas obras dentro de seus gêneros e formas diversas de apresentação, no caso da pintura, já mencionada e, como posto pelos autores, pela comunicação visual.

Um ponto de observação importante nos atenta que a representatividade do social nas obras de arte pode ir além da própria mensagem e das relações de sentido – que incorporam as percepções individuais e coletivas –, não se limitando apenas ao conteúdo criado e ao valor informativo final deste, mas pode se iniciar na própria etapa de criação, na qual o artista exercita a sua percepção da realidade e da irrealidade, percorrendo todo o processo de desenvolvimento de uma proposta artística a ser realizada na etapa de execução, o produto final e, não menos importante, o uso posterior ao qual se destina à obra, seja por quem a cria, seja por quem dela venha a tomar posse (MEDEIROS; PINHO, 2016).

Assim, a ação humana na produção das obras de arte e, como no caso das imagens artísticas colocadas por Latour (2002), emerge também a representatividade dessas obras no fornecimento de informações e no intervir das ações humanas na produção de conhecimentos e dos impactos das relações de produção, manipulação e uso das imagens artísticas e das informações oriundas destas no meio social.

Comumente, os estudos sobre memória que são desenvolvidos na área de CI estão relacionados a patrimônios históricos ou a lugares de memória, bem como à produção artística e cultural da sociedade. Medeiros e Pinho (2016) apresentam que a característica comum às obras de arte, conservadas e tratadas nesses ambientes, nos registros do conhecimento mais comuns, é a comunicabilidade, o que contempla às

obras de arte agregar-lhes a possibilidade de subsidiar novas pesquisas e tipificá-las como uma oportunidade a mais de aproximação da área com o meio social.

A representatividade do social nas obras de arte está inserida no processo cíclico básico de produção da informação, seu manuseio, sua usabilidade e alcance desta ao meio social na formação de conhecimento e na produção de novas informações. Desse modo, está intrínseca à produção dos registros de informação, em que o homem relaciona suas percepções memoriais de cunho pessoal e coletivo na produção da obra de arte; no manuseio, no qual o homem investiga e analisa o conteúdo representado, inclusive o memorialístico; na usabilidade, nas formas pelas quais os registros de informação serão utilizados com fins de acesso, se serão expostas em museus, pinacotecas, galerias e afins, com propósito de acesso à sociedade; e, por fim, na formação de novos conhecimentos pela interpretação e afetamento pessoal no instigar de novas investigações sobre a mesma.

Uma vez postas as relações dos dois últimos tópicos, propomos, no tópico seguinte, vislumbrar algumas indagações emergentes nesta pesquisa. Tais interlocuções podem nos responder a questões como: em que o desenvolvimento da CI, na perspectiva da organização da informação e do conhecimento, tem contribuído no manuseio desses suportes de informação artísticos? Que tipo de lacunas a área pode sanar investigando o cenário (social) de produção de obras de arte? Quais os avanços mais nítidos que estas interlocuções promovem para a CI?

QUESTÕES EMERGENTES DAS INTERLOCUÇÕES

Entender que a organização da informação e do conhecimento, os estudos sobre memória e a produção de obras de arte, têm uma forte ligação, é imprescindível para os avanços da área de CI. Não só teoricamente, mas a prática do tratamento da informação mostra, cada vez mais, que a área necessita de aparatos sensíveis de organização material e conceitual dos objetos produzidos socialmente que constroem a história e a memória da humanidade.

Paralelamente aos estudos teóricos, a área de organização da informação e do conhecimento aponta investigações que relacionam a área de artes, no que diz respeito à compreensão dos objetos artísticos, buscando estabelecer metodologias de aprimoramento das práticas de organização e representação da informação e do conhecimento aplicadas aos objetos de arte – como as pesquisas de Oliveira (2014) e Medeiros (2017). Muito embora a museologia já desenvolva o diálogo direto com o campo das artes e com os objetos de arte, na perspectiva do artefato museológico, a CI, de maneira geral, e citando como exemplo a própria pesquisa de Medeiros (2017), aponta uma preocupação com estes objetos que une, também, os estudos de memória.

O que se pode notar é que definir ou não as obras de arte como documentos, registros, suportes ou fontes de informação já desencadeia, na contemporaneidade, investigações mais profundas que unem o *locus* de produção desses objetos, na valorização do espaço social como fator determinante nos processos de tratamento da informação, ao domínio da memória social como enquadre contextual que direciona, também, tendências metodológicas de tratamento desses objetos informativos.

Na contemporaneidade, não apenas descrever o que é e como aparece fisicamente é suficiente para a representação física e temática dos objetos de arte. O domínio temático é um dos elementos mais importantes nos processos de representação,

tanto o domínio temático no qual a obra se insere, como, tão importante quanto, o domínio temático ao quais seus conteúdos se direcionam. Assim, suas origens e, principalmente, seus discursos e intencionalidades, que podem apontar relações conceituais mais complexas e que precisam ser representadas quando levado em consideração o potencial memorialístico desses registros, promovem a troca necessária para as intercomunicações das quais tratamos.

É na intercomunicação entre as três áreas que respondemos às questões colocadas no tópico anterior, na qual a CI e a organização da informação e do conhecimento têm permitido atentar-se às novas metodologias de tratamento da informação de obras de arte, assim como desenvolvendo novos discursos que valorizam a perspectiva memorialística da produção e dos significados postos nas obras de arte, permitindo, através da derivação documentária, novos registros e aportes de compreensão e visualização da memória social da humanidade.

Podemos notar que as investigações da CI em relação à produção de obras de arte têm permitido sanar lacunas metodológicas de representação de suportes não convencionais, ainda que aos poucos, contribuindo positivamente para as práticas realizadas em espaços destinados à guarda e ao acesso de acervos mistos, como as unidades de informação e memória, no que diz respeito ao tratamento informacional de suportes físicos e nos processos de disponibilização destes em formatos digitais.

Se por um lado a CI busca na produção de obras de arte um campo possível de investigação para suas práticas, por outro lado a CI retorna valorizando não apenas a bibliografia da área de artes, mas também gerando novos espaços de valoração das obras, gerindo ou oferecendo ferramentas para o gerenciamento dos objetos, no que diz respeito aos objetos físicos e ao seu conteúdo intelectual, possibilitando aprofundamentos de pesquisas e investigações no tempo e na história.

Os estudos de memória, por sua vez, estão ligados simultaneamente como um domínio no qual a CI pode estabelecer como fator direcionador das suas pesquisas em relação à obra de arte, assim como pode tornar-se caráter fundamental que assegura ao objeto de arte valor no tempo e no espaço, não deixando, a memória, enquanto área de estudo, de se beneficiar de ambas às áreas – CI e artes – nas suas discussões e fundamentações teóricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, conclui-se que as interlocuções entre os sentidos da própria organização da informação e do conhecimento, da memória, e a produção de obras de arte na sociedade, acontecem espontaneamente pelo sentido geral que estas possuem quando ligadas à materialidade e à passividade dos registros do conhecimento ou, como também tratadas na área de CI, fontes de informação.

O principal ponto de intersecção entre essas áreas emerge da capacidade de reconhecimento, através do tratamento, de conteúdos inerentes às impressões pessoais e coletivas que circundam as representações, e a apropriação humana, de forma investigativa, dessas representações. Quando, se tratando de CI, vislumbram-se pelos seus aportes teóricos e metodológicos os caminhos de observação e extração de conteúdo da produção intelectual e artística, elencando perspectivas de aprofundamento de reconhecimento, pelo tratamento, bem como da construção de novas representações que condensem seus conteúdos informativos, realizados, pois, nas práticas de organização da informação e do conhecimento, que permeiam desde a análise o desenvolvimento de instrumentos de representação e a própria

condensação que produz registros documentários, inclusive os com caráter memorialístico.

Já os estudos de memória, especialmente quando desenvolvidos dentro das perspectivas da CI e da organização da informação e do conhecimento, caracterizam o valor de reconhecimento histórico do bem material e imaterial humano, estimulando o desenvolvimento de pesquisas e novos métodos de tratamento informacional que permita não apenas a mecanização de registros por síntese de conteúdos, mas a abertura de espaços reflexivos sobre o passado, o presente e o futuro, contribuindo na formação, no desenvolvimento social e científico das sociedades.

Desse mesmo modo, a produção de arte se encontra ligada a ambas as áreas, de modo que não se pode dissociar seu valor documental, como ação pensada, na construção de registros de informação. Registros imersos em sensibilidade e, muitas vezes, beleza a ser contemplada pelos seus espectadores, mas que, é construída sobre um conceito, uma posição pessoal reflexiva sobre um assunto, dando margem à expressão de idéias a serem reconhecidas socialmente pela sociedade, efetivando na prática os sentidos de memória pessoal e coletiva mencionados neste artigo.

É importante reconhecer que a construção de trabalhos que permitam o registro dessa interlocução, ainda que de forma apresentativa, tem valor na construção de uma base sólida para a formação de novas reflexões, novas abordagens sobre o objeto de informação, seu tratamento pelas perspectivas de tratamento da organização da informação e do conhecimento e, sobretudo, sobre o papel social que a CI tem de contribuir no desenvolvimento de uma sociedade pensante e de uma área de estudos sólida e amplamente aberta à investigação de seu objeto de estudo: a informação.

Entende-se, por fim, que discussões como esta são fundamentais na construção de sentido para pesquisadores que valorizam tais relações – organização da informação e do conhecimento, memória e arte –, que galgam a caminhada de entender como estas áreas se comportam e dialogam, contribuindo essencialmente para o desenvolvimento da área de informação em artes, não somente como campo de investigação da produção bibliográfica da área de artes, como também da investigação de registros de caráter artístico como um todo, no que tange à ampliação de seus horizontes temáticos e metodológicos de abordagem.

Artigo recebido em 24/03/2018 e aprovado em 02/10/2018.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETTO, C. X. Informação e memória: as relações na pesquisa. *História em Reflexão*, v. 1, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2007.

DODEBEI, V. L. D. L. de M. *O sentido e o significado de documento para a memória social*. 1997. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

_____. Espaços mítico e imagético da memória social. In: COSTA, I. T. M.; GONDAR, J. (Org.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 63-71.

_____. Construindo o conceito de documento. In: LEMOS, M. T. T. B.; MORAES, N. A. (Org.). *Memória e construção de identidades*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001. p. 59-66.

_____. Informação, memória, conhecimento: convergência de campos conceituais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

_____. Ensaio sobre memória e informação. In: DODEBEI, V. L. D. L de M.; FARIAS, F. R.; GONDAR, J. *Por que memória social?* Rio de Janeiro: Híbrida, 2016a. p. 227-245.

_____. Objetos & memória. *Revista Mopheus: estudos interdisciplinares em memória social*, v. 9, n. 16, 2016b.

GONDAR, J. Memória individual, memória coletiva, memória social. *Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em memória social*, v. 7, n. 13, 2008.

HALBAWCHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

KARAMUFTUOGLU, M. Information arts and information science: time to unite? *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 57, p. 1780-1793, 2006.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

_____. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

MEDEIROS, W. O. *A representação da informação em obras artístico-pictóricas como elemento de compreensão da memória*. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

MEDEIROS, W. O.; PINHO, F. A. Arte, informação e sociedade: aspectos sociais e informativos das imagens artísticas. *Folha de Rosto: revista de biblioteconomia e ciência da informação*, v.2, n.1, p. 48-56, jan./jun. 2016.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E.; PICKLER, M. E. V. A ciência da informação, memória e esquecimento. *DataGramZero*, v. 9, n. 6, 2008.

MURGUIA, E. I. A memória e suas relações com arquivos, bibliotecas e museus. In: _____. (Org.). *Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus*. São Carlos: Compacta, 2010. p. 11-32.

OLIVEIRA, M. Origens e evolução de ciência da informação. In: _____. (Coord.). *Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 9-28

OLIVEIRA, E. B.; RODRIGUES, G. M. As concepções de memória na ciência da informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. *Ponto de Acesso*, v. 3, n.3, p.216-239, 2009.

PINHEIRO, L. V. R. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005 p.13-47.

PINTO, L. P.; FIDELIS, M. B. O uso social da informação como vetor de fortalecimento do mundo social da vida. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 13., 2012, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Ancib, 2012.

RIBEIRO, L. B. Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. In: MURGUIA, E. I. (Org.). *Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus*. São Carlos: Compacta, 2010. p. 33-44.

SAMPAIO, D. A. Reflexões sobre representação da informação memorialística: uma análise a partir dos aspectos da cultura. In: MOTA, A. R. S. et al. (Org.). *Versados em ciência da informação*. João Pessoa: Imprell, 2014. p. 99-119.

SILVA, A. M. *A informação: da compreensão do fenômeno e construção do conhecimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

THIESEN, I. Documentos “sensíveis”: produção, retenção, apropriação. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 6, n. 1, 2013.